

Bernardo Soares

Sou uma roseira, sou um roseiral com rosas brancas,

Sou uma roseira, sou um roseiral com rosas brancas, sou uma roseira a meio de um jardim. . . Sou uma roseira com rosas brancas. . . Sou enfim real. . . Existo, existo. . . Sou todo eu em cada uma das minhas rosas. . . Floresço enfim. . .

Olha, as fontes correm, as fontes correm. . .

O que elas são! São felizes e são almas e são fontes. As árvores, as árvores são grandes espíritos alegres ao ponto de serem tão verdes e fazerem sombra.

Vede. . . sou uma roseira branca na minha realidade de alma. . . A minha verdadeira vida é toda aromática no Além. . . Ah mas que outra vida mais real que a da terra. . . Minha vida é profunda como uma morte absoluta. . .

Quando o vento sacode as árvores e os arbustos, eles às vezes traçam no chão gestos de recortes humanos. O perfil das coisas é humano muitas vezes. É para que aos homens seja sugerido que as coisas são símbolos.

Quem te diz que eu não sou uma roseira branca e este corpo que pelos olhos conheces, o meu mero perfume. . . És cego realmente, e só apreendes o meu perfume irreal sob a forma real de visão. . .

s. d.

Livro do Desassossego. Vol.I. Fernando Pessoa. (Organização e fixação de inéditos de Teresa Sobral Cunha.) Coimbra: Presença, 1990: 76.

"Fase decadentista", segundo António Quadros (org.) in **Livro do Desassossego, por Bernardo Soares**, Vol I. Fernando Pessoa. Mem Martins: Europa-América, 1986.